

ADOLESCÊNCIA E PSICANÁLISE: SOBRE A IMPORTÂNCIA DE ACOLHER O RECÉM-CHEGADO

*Aline Tavares*¹ e *Sonia Alberti*²

RESUMO

Na psicanálise de Freud com Lacan, a adolescência corresponde a uma etapa lógica de articulação do sujeito na estrutura, marcada pelo encontro com o sexo e com a falta no Outro. Nesse sentido, apresentamos alguns recortes do filme brasileiro *As melhores coisas do mundo*, dirigido por Laís Bodanzky e baseado na série de livros *Mano*, escrita por Gilberto Dimenstein e Heloísa Prieto, por considerar que este nos apresenta um retrato paradigmático da adolescência: seu personagem principal encontra-se às voltas tanto com a angústia provocada pelo encontro com o real que o sexual implica, quanto com o fato de não poder mais sustentar uma posição idealizada junto a seus pais, o que o leva a se engajar no trabalho de se desligar da autoridade deles. O filme indica ainda a importância do professor de violão durante a travessia que a adolescência estava impondo ao jovem, parecendo seguir à risca as recomendações freudianas nos textos *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio* (Freud, 1910) e *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar* (Freud, 1914), que são trabalhadas ao final do artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Adolescência. Psicanálise.

1

2

INTRODUÇÃO

Em seus *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905) não fala de adolescência, mas de puberdade. Assinala que trata-se de um período em que a vida pulsional reaparece com toda sua força devido ao término da latência e início da sexualidade adulta, interrompendo, então, o sono de um Édipo adormecido. É o momento em que as fantasias infantis incestuosas, recalcadas com a entrada no período de latência, voltam a emergir, agora reforçadas pela “premência somática”, isto é, pelo fato do sujeito ter a possibilidade e a maturação biológica suficientes para colocar em ato seu desejo edípico. Paralelamente ao trabalho de subjugação dessas fantasias, ocorre uma das realizações psíquicas mais significativas da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais.

A puberdade implica, portanto, um encontro com o sexo e com a falta no Outro. O encontro com o sexo não pode ser reduzido à relação sexual propriamente dita, se referindo ao encontro do jovem com as questões sobre a assunção de um posicionamento na partilha dos sexos, isto é, constituir-se enquanto homem ou mulher, posicionando-se frente à castração. Como assinala Alberti (2004), se na infância o sujeito acreditava que o encontro com o outro sexo tinha a possibilidade de ser harmônico, ele agora se depara com o fato de que há mais desencontro com o outro sexo que encontros, e que mesmo estes são sempre faltosos, marcados pela incompletude. Nesse sentido, o encontro com o sexo implica o encontro com algo inesperado, que pode ser bom e/ou ruim, e que necessariamente provoca angústia por trazer a marca do real, do que não pode ser dito, para o que não se tem palavras.

O desligamento da autoridade parental é consequência de o sujeito adolescente não mais poder atribuir uma posição idealizada a seus pais, ou seja, não é mais possível fechar os olhos à insuficiência deles. Alberti (1996; 2004) salienta que, em função do horror à castração do Outro, se durante a infância a criança tenta salvar o pai, ignorando suas falhas, na adolescência trata-se de fazer um longo trabalho de elaboração da falta no Outro.

A adolescência implica, então, um furo no saber do sujeito, que perdeu as referências sólidas às quais estava atrelado – como filho, irmão, herói imaginário dos

seriados de TV. Diante do trabalho de se desligar do ideal das referências infantis, o jovem se pergunta: e agora, como fico? quem sou?

Nesse momento em que os ideais se quebram, o sujeito é levado a construir suas próprias referências, o que fará, sobretudo, a partir da introjeção dos pais da infância. Assim, o trabalho da adolescência implica verificar que por mais que haja o desamparo fundamental, é possível vir a fazer alguma coisa, modificando algo na realidade para seus próprios fins, levando em conta os limites, o que exige uma postura ética (Alberti, 2004).

As melhores coisas do mundo, filme brasileiro dirigido por Laís Bodanzky e baseado na série de livros *Mano*, escrita por Gilberto Dimenstein e Heloísa Prieto, nos apresenta um retrato paradigmático da adolescência. Mano é um adolescente de quinze anos que na primeira cena do filme aparece em seu quarto assistindo a um show de rock com sua guitarra em punho e de óculos escuros, se imaginando um grande ídolo. Afirma que sempre ouviu seu pai dizer “a gente só é feliz na infância” e “passa rápido, filho, aproveita”. Entretanto, contesta, “rápido o *cacete*, demorou séculos até eu conseguir minha liberdade”. Na cena seguinte, o garoto encontra-se dentro de um táxi com os amigos, estão bebendo e comentando sobre o corpo das mulheres que passam na rua enquanto se dirigem a um pequeno hotel onde é possível pagar por 20 minutos na companhia de uma prostituta. Mano, porém, não consegue fazer sexo com ela. Na verdade, nem tenta. Apenas espera os vinte minutos passarem enquanto explica à mulher que “ainda não rolou sua primeira vez”. Ao chegar em casa, Mano se depara com as malas de seu pai, que decidiu ir embora: “quando eu descobri que coelhinho da páscoa e papai Noel não existiam, me senti traído, mas descobrir que minha família não existe mais é a pior coisa do mundo”.

Alguns dias depois, Mano e seu irmão vão jantar no apartamento do pai e começam a interpelar o genitor – “que mulher é essa que te tirou de casa?”, momento em que o pai, que é professor, lhes confessa estar namorando um homem, um orientando seu da faculdade. Pedro, irmão de Mano, não suporta a escolha do pai, se afastando dele, ao que Mano, embora às voltas com pensamentos como, “em vez de se separar, minha mãe poderia ter ficado viúva” e “se é para rolar tragédia, não poderia ser uma tragédia normal?”, continua a procurar

o genitor. Certo dia, ao visitar o pai, que a essa altura já estava morando com o namorado, Mano se depara com o quarto todo bagunçado, o que o remete à intimidade do pai, fato que se mostra insuportável e o leva a, literalmente, ir embora correndo, sem dizer uma palavra.

O adolescente se interessa por uma garota da sua sala, mas seu interesse por ela o faz levantar questões: “a Valéria é linda e fuma. Fumar é horrível. Isso é um paradoxo. Eu tô completamente apaixonado por um paradoxo. Meu pai é gay. Esse é o maior paradoxo de todos os tempos”. Quando conta para sua melhor amiga sobre a escolha sexual de seu pai, esta diz a Mano que ele tem um pai muito corajoso, por ter escolhido falar a verdade para os filhos ao invés de “se esconder no armário”. O garoto parece não acreditar na resposta da amiga diante da “gravidade da confiança”, ao que ela, que se chama Carol, lhe responde “tá, o seu pai é gay, e o meu que é antropólogo!”. Com sua fala, a menina deixa claro para Mano que, de alguma forma, todo pai claudica, não se mostrando à altura das expectativas dos filhos.

Carol também está às voltas com a emergência do real sexual e mostra toda sua angústia quando diz que não aguenta mais “esses beijos que não sabe o que significam”, explicando que depois da festa em que beijou um garoto, não sabia se era para fingir que aconteceu alguma coisa ou fingir que não aconteceu nada – “não sei se a gente tava se beijando por beijar ou se tava acontecendo alguma coisa. Odeio esses beijos. Esses beijos são uma merda”.

Para complicar ainda mais a vida de Mano, numa reunião da escola, sua mãe conta para a genitora de outro aluno sobre sua vida pessoal, falando da separação e da escolha do ex-marido em viver com outro homem. A notícia logo se espalha pela escola e Mano passa a ser alvo de piadas e até mesmo de agressões físicas.

É só com o professor de violão que Mano consegue falar do que lhe ocorre, sendo ele quem auxilia o jovem a realizar a travessia que a adolescência estava lhe impondo. Assim, quando Mano consegue falar sobre o que estava ocorrendo na escola, o professor aponta que o adolescente se encontrava diante de uma encruzilhada e que era preciso decidir entre “amarelar ou enfrentar”: “essa escolha, Mano, é sua, é como a escolha da música que você vai tocar. Que música você quer

tocar?”. Em outra ocasião, o professor diz a Mano que irá precisar se ausentar por seis meses, pois irá para Europa estudar, correr atrás dos seus sonhos, ao que adverte o aluno a correr atrás dos seus. Após esse momento, Mano forma com os colegas da escola uma chapa para concorrer ao grêmio, visando fazer frente ao que vinha ocorrendo na escola: o constante rechaço a que vários alunos eram submetidos quando não se encontravam dentro dos padrões de normalidade esperados, o que incluía a garota lésbica, a que teve fotos sensuais divulgadas pelo namorado...

Na última cena do filme, Mano, que já havia tido alguns (des)encontros com a garota por quem se interessara inicialmente, lê o diário de sua melhor amiga, Carol, onde estava escrito “hoje o Mano tocou *Something*, dos Beatles, na escola. Ficou em segundo lugar na minha lista das melhores coisas do mundo, só perdendo para a bomba de chocolate da padaria. Acho que a bomba só vai sair do primeiro lugar quando eu gostar de verdade de alguém. Como é que a gente sabe que gosta de alguém de verdade? Eu não sei”. Mano, então, tenta beijar a amiga, que se esquiva dizendo que não aguenta mais esses beijos [que não sabe o que significam]. Ele insiste, garantindo a ela que não precisa mais ter medo. Eles se beijam, enquanto Mano pensa, “não é impossível ser feliz depois que a gente cresce. Só é mais complicado”, respondendo, assim, ao dito que ouvira “mais de um milhão de vezes” de seu pai: “a gente só é feliz na infância”.

O percurso realizado por Mano em *As melhores coisas do mundo* é paradigmático para exemplificar a travessia adolescente: inicialmente identificado com os astros do rock que admirava, o jovem vai se deparando com os furos do mundo adulto, com o real sexual que reatualiza, a cada vez, o encontro com o impossível, organizando uma certa inacessibilidade do objeto que constitui e dá lugar ao vazio central que engendra o desejo. Assim, quando percebe que não há como escapar do desamparo, que o Outro não pode protegê-lo, Mano lança mão dos recursos que lhe foram transmitidos, até então, por seus pares, mas, principalmente, por seus pais, para enfrentar o desamparo.

A JUVENTUDE NOS MOSTRA O QUE SE PASSA PELO MUNDO

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (1921) assinala que um grupo é definido pelos laços libidinais que o caracterizam e que a família é uma formação natural de grupo. Ressalta, então, que quando um grupo se desintegra, ou seja, quando os laços libidinais que ligam os membros se afrouxam ou deixam de existir, cada um passando a se preocupar apenas consigo mesmo, surge uma angústia gigantesca, desproporcional ao perigo vivido: “agora que está sozinho a enfrentar o perigo, pode certamente achá-lo maior, embora permaneça o mesmo” (Freud, 1921, p. 122). É um quadro semelhante a este descrito por Freud que encontramos na adolescência, quando ocorre um momento de vacilação do eixo imaginário do jovem, de perda das referências da infância, de questionamento dos ideais parentais - que se tornam inconsistentes - e de desligamento das figuras parentais, ou seja, trata-se de um momento em que o sujeito adolescente busca, a duras penas, construir suas próprias referências com a ajuda de seus pares. É preciso, nesse momento da vida do sujeito, buscar no Outro pontos de apoio, referências simbólicas que o apaziguem e ajudem a responder a pergunta que se impõe: “quem sou eu, agora?”.

Deste modo, para Nominé (2001), a juventude nos mostra o que se passa pelo mundo por estar em posição de indicar, com suas condutas, as condições simbólicas – ou a carência delas – de acolhimento do sujeito recém-chegado, que ultrapassam, embora estejam a ela ligadas, as possibilidades de sobrevivência material. Ângelo (2007) nos ajuda a compreender o que está em jogo:

Trata-se das condições necessárias ao tornar-se sujeito, isto é, alguém capaz de se sustentar com seu desejo, única proteção verdadeira contra o mal-estar, pois é com ele que o homem cria, inventa, decide, dá sentido à vida, isto é, tira leite de pedra. É a adolescência, então, que pode denunciar se do lado do outro comparecem as possibilidades de haver sujeito. Isto porque é o momento em que se afrouxam os laços familiares, em razão das inevitáveis decepções, pondo à prova tudo o que se constituiu como pilar da subjetividade na infância. O jovem é aquele que, decepcionado com a figura parental como ideal, mas não sem ela, volta-se para o mundo em busca de algo que possa substituí-la (ÂNGELO, 2007, p.34).

Assim, foi por observar que no momento de se separarem de seus pais e suas famílias, os adolescentes estão desarvorados, diante de um ponto de real, onde a vida pulsional irrompe de maneira inesperada, que Freud (1914) ressaltou a importância do mestre, do Outro social, que deve exercer sobre o jovem uma

influência mantenedora da vida, de modo a fazer frente às repressões exigidas pela cultura e pela civilização.

Em *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*, Freud (1914) afirma que os jovens transferem para os professores o respeito e as expectativas ligas ao pai da infância. Nessa perspectiva, Vidal (2005) indica que a desidealização do pai na adolescência é acompanhada pela articulação de novos ideais e pela ereção de novas figuras idealizadas para constituir um recurso pelo qual o sujeito busca refazer seu pacto com a civilização.

Também sua *Conferência XXXI*, Freud (1933[1932]) afirma que, no curso do desenvolvimento, o supereu assimila as influências que tomaram o lugar dos pais – educadores, professores, pessoas escolhidas como modelos ideais: “Realizam-se, pois, identificações também com esses pais dessa fase ulterior, e, na verdade, regularmente fazem importantes contribuições à formação do caráter” (FREUD, 1933[1932], p. 83-84).

Alberti (2004) destaca que não há escolha que prescindia de indicativos e direções que lhe são anteriores e explica que o sujeito os recebe ao longo de sua infância, mas que pode continuar recebendo esses mesmos indicativos e determinantes ao longo de todo processo adolescente, desde que não lhe falte quem lhe possa transmiti-los. Nesse sentido, a autora assinala que o adolescente pode ser assistido tanto pelos mestres quanto pelo psicanalista.

O psicanalista se dirige ao adolescente para fazê-lo trabalhar a fim de produzir sua própria determinação – verificar o que o determina para o sofrimento do qual se queixa e assim se descobrir sujeito desejante.

O discurso do mestre pode transmitir duas leis possíveis: a lei veiculada pela função paterna enquanto barrando o desejo do Outro, ou seja, a lei que castra o Outro, e a lei da pura interdição que justamente não sustenta o sujeito desejante, mas tiraniza-o, exigindo que trabalhe e deixe seu próprio desejo para depois (Alberti, 2004). Essa segunda forma de lei fica evidente num diálogo do texto ‘O Despertar da Primavera’, de Wedekind(2008) quando o jovem adolescente Melchior, pergunta a seu amigo Moritz: “Eu só queria saber, por que é que a gente veio parar neste mundo?”, ao que o colega responde: “Para ir ao colégio. Eu preferia ser um burro de

carga a ir ao colégio! Para que vamos ao colégio? Para fazer os exames! E para quê os exames? Para sermos deixados cair!”. De acordo Alberti (2004), a fala de Moritz reflete um tipo de relação entre o mestre e o aluno na qual o professor é um Outro sem limites que não se importa com qualquer apelo do sujeito-aluno, descaracterizando-o mesmo enquanto sujeito. Nesse sentido, a autora indica que para a sociedade pouco importa se em seu posicionamento o sujeito segue seu desejo, motivo pelo qual depende exclusivamente do sujeito responsabilizar-se pelo próprio desejo.

Em seu *Prefácio a Juventude desorientada de Aichhorn*, Freud (1925) afirma que o trabalho da educação é algo *sui generis*, não devendo ser confundido com a influência psicanalítica e nem substituído por ela. Porém, assinala que a psicanálise pode ser convocada pela educação como meio auxiliar de lidar com uma criança e encerra seu texto com uma inferência para “aqueles que estão empenhados na educação”:

Se um deles aprendeu a análise por experimentá-la em sua própria pessoa e está em posição de empregá-la em casos fronteiriços e mistos – crianças e delinquentes juvenis – a fim de auxiliá-lo em seu trabalho, obviamente terá o direito de praticar a análise; e não se deve permitir que motivos mesquinhos tentem colocar obstáculos em seu caminho (FREUD, 1925, p.343).

Nesse contexto, seguir à risca esta direção dada por Freud, assim como aquela fornecida em suas *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*, onde assinala que é preciso fornecer ao jovem o desejo de viver e lhe oferecer apoio e amparo numa época da vida em que as condições de seu desenvolvimento o compelem a afrouxar seus vínculos com a casa dos pais e a família, mostra-se fundamental para todos aqueles que, em seus trabalhos, deparam-se com jovens adolescentes.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. (1996). *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

_____ (2004). *O adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ÂNGELO, D. (2007). Do horror e miséria ao bom e belo. In: BASTOS, R.; ÂNGELO, D. & COLNAGO, V. *Adolescência, violência e lei*. Rio de Janeiro: Cia de Freud; Vitória: Escola Lacaniana de Psicanálise, p. 25-38.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras completas ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

_____ (1910). Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In: *Obras completas ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

_____ (1914). Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: *Obras completas ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

_____ (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: *Obras completas ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____ (1925). Prefácio a juventude desorientada de Aichhorn. In: *Obras completas ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____ (1933[1932]). Conferência XXXI – A dissecação da personalidade psíquica. In: *Obras completas ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NOMINÉ, B. (2001). A adolescência ou a queda do anjo. In: *Marraio, n. 1: da infância à adolescência*. Rios Ambiciosos/FCCL, 2001.

VIDAL, P. (2005). Freud e a nostalgia do pai. In: BERNARDES, A. (Org). *10XFreud*. Niterói: Azougue Editorial.

WEDEKIND, F. (2008). O despertar da primavera. 3ª ed. Trad. Maria Adélia Silva Melo. Lisboa: Editora Estampa.

Filme: BONDANZKY, L. *As melhores coisas do mundo*, 2010.

ADOLESCENCE AND PSYCHOANALYSIS: ABOUT THE IMPORTANCE OF WELCOMING THE NEWCOMER

ABSTRACT

In Freud's psychoanalysis with Lacan, adolescence corresponds to a logical stage of articulation of the subject in the structure, marked by the encounter with sex and the lack in the Other. In this sense, we present some clippings from the Brazilian film *The Best Things in the World*, directed by Laís Bodanzky and based on the book series *Mano*, written by Gilberto Dimenstein and Heloísa Prieto, considering that this presents us with a paradigmatic portrait of adolescence: its main character Finds himself in the throes of both the anguish provoked by the encounter with the real that the sexual implies, and the fact that he can no longer support an idealized position with his parents, which leads him to engage in the work of detaching himself from the Their authority. The film also indicates the importance of the guitar teacher during the crossing that the adolescence was imposing on the young person, seeming to follow the Freudian recommendations in the texts *Contributions to a discussion about suicide* (Freud, 1910) and *Some reflections on school psychology* (Freud, 1914), which are worked out at the end of the article.

KEYWORDS: Subject. Adolescence. Psychoanalysis.

ADOLESCENCE ET DE LA PSYCHANALYSE: L'IMPORTANCE D'ACCUELLIR LE SUJET DES NOUVEAUX ARRIVANTS

RÉSUMÉ

Dans la psychanalyse de Freud avec Lacan, l'adolescence représente une étape logique d'articulation du sujet dans le cadre, marqué par la rencontre avec le sexe et le manque dans l'Autre. En ce sens, nous présentons quelques coupures de films brésiliens *Les meilleurs choses dans le monde*, dirigé par Lais Bodansky et basé sur la série de livres *Mano*, écrit par Gilberto Dimenstein et Heloisa Prieto, considérant que cela nous donne un portrait paradigmatique de l'adolescence: son personnage principal est aux prises à la fois avec la détresse causée par la rencontre avec le réel que des moyens sexuels, comme avec le fait qu'il ne peut plus soutenir une position idéalisée avec ses parents, qui l'amène à se livrer à des travaux de se déconnecter de leur autorité. Le film montre aussi l'importance de professeur de guitare en traversant que l'adolescence était imposant le jeune homme, à la recherche après la lettre les recommandations de Freud dans les textes *Contributions à une discussion sur le suicide* (Freud, 1910) *Quelques réflexions sur la psychologie scolaire* (Freud, 1914), qui sont travaillé à la fin de l'article.

MOTS-CLÉS: Sujet. Adolescence. Psychanalyse.

Recebido em: 18-08-2016

Aprovado em: 15-10-2016

© 2016 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>